

IGREJA MATRIZ SÃO LUIZ GONZAGA: A IDENTIDADE COLETIVA CALCADA EM UM 'LUGAR DE MEMÓRIA' CAMBIANTE

Bruno Antonio Picoli¹

Regina Miliorança²

Resumo: A Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, localizada no município de Xaxim, oeste de Santa Catarina, há aproximadamente 550 Km de Florianópolis, é considerada por muitos uma das mais belas edificações do estado. Construída entre 1947 e 1951, período em que a arquitetura nacional era dominada pelo modernismo, apresenta traços marcadamente góticos que, embora aparente anacronismo, está temporalmente situado, haja vista que dialoga com os objetivos etnoculturais e identitários do grupo social que a edifica. No decorrer da segunda metade do século XX, a Igreja Matriz constituiu-se enquanto 'lugar de memória', sedimento da identidade territorial xaxinense. Desde 2010, o prédio vem passando por intervenções que alteraram sua aparência, gerando desconforto em parte da população. O que se pretende nesse artigo é buscar compreender qual a importância da Igreja Matriz na constituição da identidade e da territorialidade do xaxinense, compreendendo-a enquanto um lugar de memória e se tal vínculo identitário alterou-se com as recentes modificações nas fachadas.

Palavras-chave: Igreja Matriz São Luiz Gonzaga; memória, identidade.

Considerado um dos mais belos templos do estado de Santa Catarina, a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, localizada em Xaxim-SC, há aproximadamente 550 Km da capital estadual, Florianópolis, foi edificada entre os anos de 1947 e 1951. A alusão a uma rosácea com banda de pedraria sobre o pórtico principal da fachada, seus arcos ogivais dividindo o peso da abóboda central e redistribuindo-o para as colunas que dispõem-se do decorrer da nave central possibilitando aberturas em vitrais coloridos com motivos sacros, assim como o verticalismo característico das torres denunciam o gótico como estilo inspirador de sua projeção.

A Igreja Matriz São Luiz Gonzaga é uma edificação de vasta série de templos católicos projetados pelo engenheiro-arquiteto Ticciano Bettamin e distribuídos por paróquias nos estados do RS e de SC na primeira metade do século XX. A maior parte de suas obras caracteriza-se pelo estilo *gothic revival*, com inspiração evidente na Basílica de Sainte-Clothilde, em Paris (FÁVERO e PICOLI, 2011).

No primeiro semestre de 2011 a Paróquia de Xaxim iniciou um processo de reformas nas fachadas da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga. A intervenção acarretou uma significativa alteração na aparência do prédio, o que, por sua vez, gerou desconforto e

1 Mestre em História, professor do curso de História da UFFS, bruno.picoli@uffs.edu.br

2 Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNOESC, regina.milioranca@gmail.com

dividiu a opinião pública local, não só dos habitantes católicos, pois a Igreja é a principal referência arquitetônica do município. O que se pretende nesse artigo é buscar compreender qual a importância da Igreja Matriz na constituição da identidade e da territorialidade do xaxinense, compreendendo-a enquanto um 'lugar de memória' (NORA, 1993, p. 21), e se tal vínculo identitário alterou-se com as recentes modificações nas fachadas.

Para atingir tais objetivos, recorreremos à memória de habitantes locais disponíveis em obras publicadas por autores locais (DALLA ROSA e BERTICELLI, 2010; VIDY, 2008; LUNARDI, 1992; e SILVESTRIN, 2002), assim como através de entrevistas de história oral com moradores locais. Também as atas, listas de doadores e imprensa local se constituem enquanto valiosos indícios das preocupações e interesses dos grupos envolvidos na construção e na subsequente intervenção (reforma) na igreja.

O município de Xaxim conta atualmente com aproximadamente 25 mil habitantes (IBGE, 2010). Quando da construção da Igreja Matriz (1947-1951), Xaxim possuía uma população de aproximadamente 3 mil habitantes e ainda era um distrito do município de Chapecó-SC, embora já possuísse uma paróquia autônoma, vinculada à Diocese de Palmas-PR. A Figura 1, de uma procissão em 1950, permite uma noção da dimensão monumental da obra naquele contexto.



*Figura 1: Procissão em frente a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, Xaxim, Santa Catarina, 1950.
Fonte: Arquivo da Escola de Educação Básica Gomes Carneiro, Xaxim, Santa Catarina.*

Para compreender como uma obra do porte da Igreja Matriz de Xaxim foi possível em uma comunidade pequena com bases pouco sólidas e em que medida a própria obra foi um aglutinador social capaz de dar sustentação às pretensões dos colonos que aí se instalam, faz-se imprescindível um mergulho, mesmo que rápido, na história do processo de ocupação desse território.

Na primeira metade do século XX, o oeste de Santa Catarina foi palco de intenso processo migratório de colonos oriundos das colônias velhas do Rio Grande do Sul. Esses, em sua maioria absoluta, constituíam-se de descendentes de europeus que, fugindo dos problemas europeus, aventuraram-se pelo Atlântico em busca da Terra da Cocanha. No sul do Brasil se estabeleceram em áreas em que a fronteira agrícola expandia-se. Em fins do século XIX e, principalmente, a partir das duas primeiras décadas do século XX, esses grupos de 'colonos de origem', se deslocam em direção às terras entre os rios Uruguai e Iguazú.

O processo de expansão da fronteira agrícola e a ocupação de novas terras por famílias de descendentes de europeus no oeste de Santa Catarina foi conduzido por empresas particulares de colonização (COMASSETTO, 2009, p. 99). As companhias privadas, com objetivos de atrair clientes organizavam suas colônias por critérios étnicos, explorando as clivagens internas dos grupos europeus (WERLANG, 2006, p. 64). Assim, os grupos de migrantes sul-riograndenses que se estabelecem no que hoje é Xaxim eram constituídos majoritariamente por italianos (CHITOLINA, 2010, p. 278).

A literatura historiográfica³ que trata da ocupação da região ocidental de Santa Catarina por colonos de ascendência italiana é unânime em admitir que aí se travaram conflitos étnicos entre esses e os antigos moradores luso-brasileiros, os caboclos. Concordamos com Prost (1998, p. 129.), que o que define um grupo são os compartilhamentos de lugares de memória e de experiências em comum, sua comemoração, rememoração e ritualização.

Na medida em que define o 'outro', o grupo estabelece as bases que dão corpo e forma a uma identidade coletiva. É nesse enfrentamento que foram estabelecidas as normas de conduta do que seria o grupo étnico italiano. É nessa dinâmica que emerge a importância de um templo que diferenciase esse grupo dos que aí habitavam antes e, concomitantemente, estabelecesse um vínculo com um passado grandioso e externo ao Brasil, passado do qual supostamente eram os herdeiros. A grandiosidade da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga e seus traços que denotam um gótico tardio vêm ao encontro dos interesses desses construtores de identidade.

É interessante ater-se ao fato de que a construção da Igreja Matriz é contemporânea ao movimento modernista, o que poderia indicar certo anacronismo, ou

³Á título de exemplo dessa literatura podemos citar: RENK (2006), POLI (1991), WERLANG (2006), VICENZI (2008) e RADIN (2009).

mesmo um deslocamento temporal desse prédio quando observado numa dimensão macro, tomando os grandes centros urbanos brasileiros como referência. Contudo é imprescindível analisar o contexto regional para compreender não apenas essa obra, mas uma série de construções que marcam a arquitetura religiosa em áreas de colonização tardia do sul do Brasil.

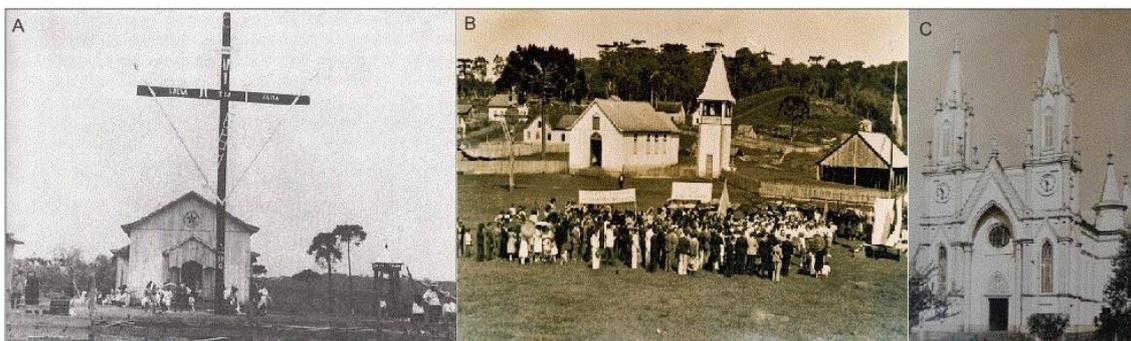
Não sabemos até que ponto os habitantes conheciam o modernismo, contudo, levando em consideração que o objetivo do movimento era criar uma identidade nacional, provavelmente, esses migrantes, mesmo que o conhecessem, o negariam. A identidade que queriam justificar era a de italianos, não de brasileiros, com toda a carga negativa que este termo possuía na região e da carga positivadora que aquela identidade inventada (HOBSBAWM, 1997, p. 15) possuía. Em suma, queriam mostrar a imagem da superioridade italiana. Conforme Picoli (2011, p. 341),

Os colonos que se instalam na região com o aval do Estado desenvolvem estratégias de diferenciação que estabelecem uma fronteira entre um suposto 'nós' e os 'outros'. Esses colonos, quando contrastados com elementos estrangeiros, definem-se como brasileiros [para gozar assim dos direitos de cidadania], entretanto, quando o olhar se volta para o interior do Brasil, os brasileiros são os outros. Eles são os italianos [para gozar dos benefícios da identidade], incomparavelmente melhores.

Enquanto o modernismo propunha superar o passado e construir uma arquitetura nunca antes feita, o que os colonos descendentes ítalo-sul-riograndenses queriam era enobrecer um suposto passado de glórias compartilhadas. Por isso podemos afirmar que, embora pareça paradoxal, a inspiração gótica evidente nos traços da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga está temporalmente situada. Seu anacronismo é apenas aparente porque a obra dialoga com os objetivos do grupo social em questão, em uma clara manifestação daquilo que Ernest Bloch (1991) denomina de contemporaneidade do não coetâneo.

A Igreja Matriz São Luiz Gonzaga foi a quarta edificação religiosa construída no pequeno vilarejo em menos de trinta anos, embora algumas obras (DALLA ROSA e BERTICELLI, 2010, p. 30-1; e VIDY, 2008, p. 28-9) afirmem que se tratasse da terceira. A omissão de uma das capelas insere-se no quadro das fricções interétnicas entre os 'italianos' e os caboclos ou brasileiros. Da igreja de madeira falquejada encontrada pela família de colonizadores Lunardi no verão de 1920 (SILVESTRIN, 2002, p. 275), não restaram fotografias ou qualquer outra tipologia de registro material, apenas uma fugaz indicação geográfica. Entre 1928 e 1951 três outras igrejas foram construídas no mesmo local no vilarejo. Embora os memorialistas são unânimes em afirmar que as

construções acompanharam o crescimento demográfico da localidade, inexistem dados que comprovem isso. Podemos afirmar que as constantes renovações nesse período vinculam-se a afirmação da identidade e da suposta superioridade do grupo étnico em questão, através do mito do progresso. Temos então múltiplas identidades se constituindo nesse cenário, uma étnica e outra territorial. A construção da Igreja Matriz foi o catalisador para que o espaço adquirisse status de 'lugar' (TUAN, 1983, p. 6). Na Figura 2, vemos representadas as três igrejas construídas pelos colonizadores para fins de culto católico em Xaxim.



*Figura 2: A: Segunda igreja construída em Xaxim; B: Terceira igreja construída em Xaxim e primeira sede da Paróquia; C: Quarta igreja construída em Xaxim e atual sede da Paróquia.
Fonte: A e B: SILVESTRIN, 2002, p. 277-9; C: DALLA ROSA; BERTICELLI, 2010, p. 16.*

O processo de construção da Igreja é outro fator reforçador do vínculo identitário da população local para com o edifício. De acordo com a documentação existente nos Livros e Atas e nos Livros de Tombo da Paróquia São Luiz Gonzaga, para a construção da igreja montou-se uma 'comissão pró-Igreja Matriz', composta por autoridades políticas e religiosas.

Para a efetiva edificação, cujo montante passaria de Cr\$ 1.200.000,00, foram instituídas taxas que deveriam ser pagas por todos os paroquianos e um Livro de Ouro, contendo o registro das maiores doações. Vidi (2008, p. 28.), referindo-se a construção da Igreja Matriz, afirma que

O povo todo empolgado não mediu esforços para ajudar em qualquer sentido que fosse. Foram organizadas doações e visitas às famílias. Frei Bruno e os outros freis visitavam e abençoavam as famílias e suas casas pedindo ofertas, o que pudessem dar. Trabalhavam em mutirão, hoje uma turma, amanhã outra e assim por diante.

Perspectiva muito semelhante é apresentada por Maria de Oliveira Lunardi (1992, p. 54.), para quem "todos trabalhavam sem esforços e em mutirão". Em entrevista realizada em fevereiro de 2013, Nelci Chitolina (70 anos), moradora em

Xaxim há 65 anos, dá provas de que essa perspectiva está cristalizada na memória coletiva quando afirma que

a gente era... a cidade toda era muito religiosa. Os vitrais da igreja, as imagens que ela tem dentro, reformas, pintura, melhorias na igreja não precisava ir pedir nem pro governador e nem pro prefeito, era tudo quem ajudava era a comunidade, muito religiosa, muito religiosa, sempre Xaxim foi.

Entretanto, em dissonância com as afirmações acima, a Ata da Reunião de 9 de setembro de 1951 indica que havia atrasos e sonegações, o que nos permite afirmar que tais taxações, em um primeiro momento, não foram bem recebidas pela população e que as relações entre a comunidade e a comissão não eram tão voluntárias como idealizam as citadas autoras. Conforme a referida Ata,

a zona rural fora taxada com um saco de milho por família e mais 4% da próxima colheita de trigo [...] resolveu-se finalmente que o padre percorresse em companhia de um membro da comissão os moradores da vila pedindo ainda um auxílio extraordinário para fazer frente aos compromissos decorrentes das dívidas existentes e para poder terminar a colocação dos vitrais e do piso o mais cedo possível. Outrossim foi recordado que se insistisse junto aos atrasados do livro de ouro para que quanto antes saldasse a parte prometida⁴.

Essa resistência inicial, provocada talvez pela desconfiança nos reais usos das doações ou então nas próprias condições socioeconômicas da população local não impede que, *a posteriori*, o discurso ritualizado da abnegação e da voluntária contribuição, constituinte da memória coletiva local, tenha sido encampado até mesmo pelo mais resistente e sonegador dos contribuintes. A memória é uma imbricação de passado e futuro mediada pelo presente (PICOLI, 2010, p. 175).

Embora a inauguração ocorreu no início de 1951, a Igreja encontrava-se incompleta. O piso foi colocado em 1953 e logo após foram adquiridos os bancos de madeira. Os altares foram adquiridos em 1957. Entre 1958 e 1959 foram realizadas as pinturas internas, por Emílio Zanon, que, assim como Bettamin, residia em Guaporé-RS, e atuou com este em outros projetos. Os sinos só foram adquiridos em 1963 e os relógios das torres apenas em 1965 (DALLA ROSA e BERTICELLI, 2010, p. 36).

Passado o primeiro momento, de reação contrária às taxações e aos pedidos de ‘voluntárias’ doações, a população xaxinense toma como sua – no sentido de posse – a Igreja Matriz. A construção da Igreja significou a materialização das grandiosas aspirações dos novos donos dessas terras. Por décadas, a Igreja Matriz esteve presente em cartões postais, jornais, revistas, etc., que de algum modo fizessem alusão à Xaxim.

⁴ Digitado *ad litteram*, por isso optamos em manter a grafia do original.

Ponto de encontro para as práticas da vida social e religiosa, foi moldura de casamentos, batizados, jubileus, bodas, ordenações, etc., transcendendo sua dimensão material e tornando-se um lugar de memória. Por 'lugar de memória', compreendemos o espaço físico/material como suporte de uma identidade coletiva de dimensão ritual. Como afirma Nora (1993, p. 21), só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica.

Enquanto dimensão simbólica o prédio transcende sua funcionalidade, interferindo na vida social e individual. Conforme Nelci Chitolina, a organização social da comunidade orbitava tendo na Igreja Matriz seu centro. Conforme a entrevistada

a gente aprendeu, viveu dentro dela desde que era criança. Na época que eu era criança nós tínhamos uma, na igreja, uma organizaçãozinha assim pra criança que se chamava Cruzada Eucarística Infantil, e lá podiam ir só crianças [...]. Depois que a gente crescia, as meninas participavam de um grupo que era as Filhas de Maria [...], quase todas as moças da cidade participavam [...]. [...] a comunidade, muito religiosa, muito religiosa, sempre Xaxim foi, nós tivemos padres santos aqui que passaram pela nossa vida, as irmãs franciscanas trabalhavam muito com os jovens, com as crianças [...], por isso que hoje ainda, os antigos, no caso eu, eu sou ministra da Igreja, dou catequese, vou fazer enterros, sou ministra também faço enterros e a gente aprendeu muito tudo o que... isso que a gente trouxe veio daquela época, da nossa formação religiosa daquele tempo.

Percebe-se, então, um processo de apropriação social do patrimônio arquitetônico que, em contraposição ao processo de esquecimento de um passado comum e ênfase contemporânea de um presente contínuo, ou seja, desvinculado que um passado que lhe fornece suportes de significação, demonstra uma vontade manifesta de sentir-se parte de algo maior que o 'eu' individual (TEDESCO, 2004, p. 75). Os lugares de memória podem fornecer subsídios para a formação de uma identidade individual no sentido coletivo do termo, na medida em que se apresentam como testemunhos concretos de um passado comum.

Em 10 de agosto de 2010, a Paróquia São Luiz Gonzaga, de Xaxim-SC, lançou o projeto de restauro e o início das obras em uma cerimônia pública (Jornal Data X, 14 de agosto de 2010, p. 3). No primeiro semestre de 2011, uma intervenção nas fachadas da Igreja Matriz fez a população local trazer à pauta suas relações com o edifício e com sua memória compartilhada. Uma cisão operou-se entre defensores da intervenção e críticos do modo como a mesma tem sido executada. Tal campo de disputas por ressignificações expõe uma problemática recorrente no oeste catarinense, qual seja a das intervenções

em prédios que de algum modo comportam-se (ou comportaram-se) como lugares de memória, catalisadores de identidades coletivas, sem os cuidados que um projeto técnico de restauração exige. O caso da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga possibilita um debate até então deliberadamente oculto na região e dá-nos a possibilidade de (re) pensar práticas que valorizem o patrimônio numa perspectiva da coletividade.

É importante salientar que em meados da década de 1990, a parte interna da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga passou por uma reforma. Naquela oportunidade as pinturas internas – no teto há afrescos com alusão aos 10 Mandamentos, no arco-cruz há alusão aos 7 sacramentos e em demais pontos há referências à vida religiosa católica – foram refeitas. Embora executada pelo mesmo pintor dos afrescos originais, Emílio Zanon, o resultado não agradou a população local.

Nas proximidades de completar 60 anos de sua inauguração, as marcas do tempo faziam-se evidentes nas fachadas do edifício, infiltrações ameaçavam as escaioloas e demais pinturas, pequenas rachaduras avolumavam-se. Com o objetivo de reverter os danos causados pela ação do tempo, uma comissão de 'restauradores' foi organizada. Composta por membros do clero e da comunidade local (Jornal Data X, 10/08/2010, p. 3), o intuito desse grupo era angariar fundos, por meio de eventos e ações, para tornar realidade o 'restauro do monumento'.

Em visita *in loco* ao prédio, é possível perceber que a pintura, datada de 1958, refeita em 1993, está descamando. No piso da igreja também é possível perceber trincas, manchas (provavelmente pelo uso de algum produto de limpeza utilizado sem conhecimento) e, inclusive, algumas peças estão se desprendendo do contra-piso (Figura 3). Os altares feitos em madeira provenientes da região e em pinturas de escaiola, apresentam rachaduras e pequenas fissuras, além de apresentarem manchas escuras por infiltrações de águas pluviais. Contudo, a não divulgação do projeto – ou mesmo a inexistência de um projeto técnico multidisciplinar de restauro – faz emergir várias dúvidas quanto aos procedimentos utilizados na recuperação da arte, do piso e dos altares. Há mesmo um temor, por parte da população local, como pudemos verificar em entrevista com Nelci Chitolina (70 anos), moradora há 65 anos no município, de que o piso seja substituído por outro com peças diferentes, modernas.

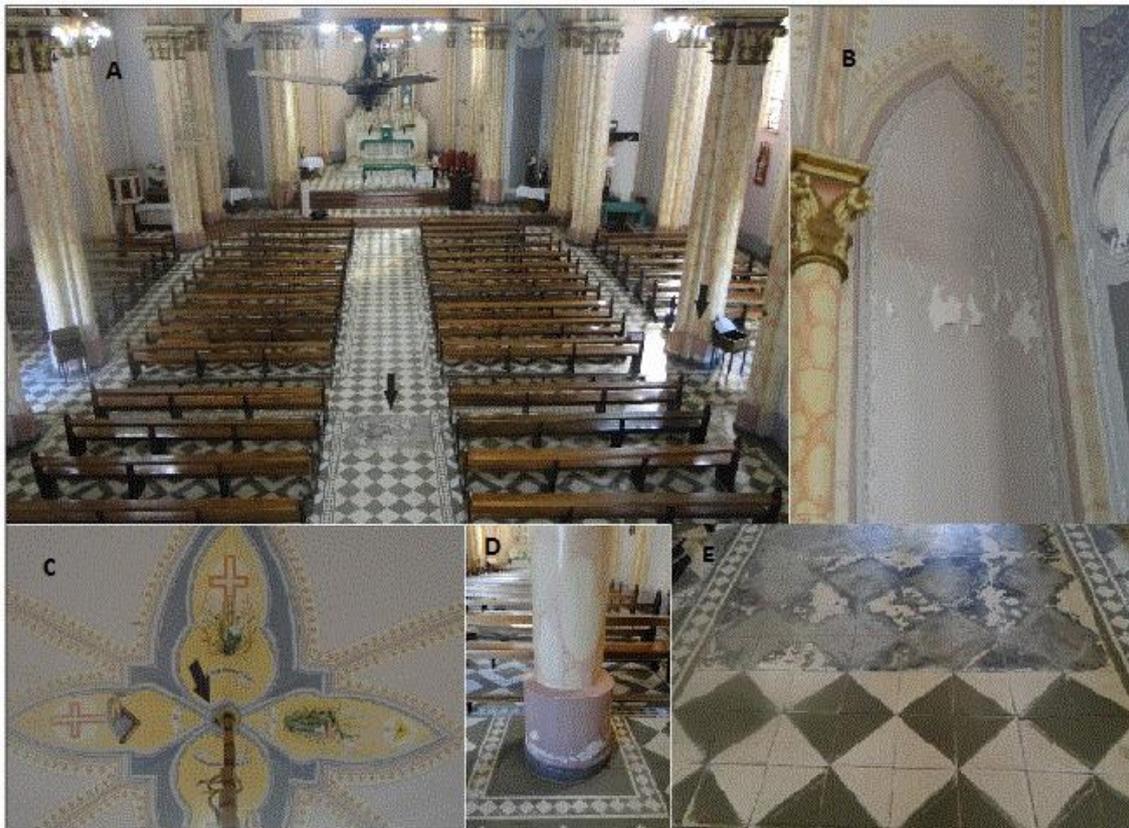


Figura 3: A: Vista geral do interior da Igreja Matriz com indicação de pontos com descamação de pintura e piso; B: Pintura descamada no interior da Igreja; C: Indicação de trincas no teto da nave central; D: Detalhe de coluna com pintura descamando; E: Detalhe do piso descamando.

Fonte: Fotografias realizadas por Geovani Rafael Batista.

O intuito das comissões que organizaram a chamada obra de 'restauro' da Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, é plausível, todavia o conhecimento técnico-teórico necessita ser empregado nas decisões. Se há algum tempo o restauro era desenvolvido de forma empírica, atualmente é cercado por um aparato técnico-científico que confere uma base segura para as intervenções nas obras.

A Igreja Matriz São Luiz Gonzaga é uma propriedade privada da paróquia de mesmo nome e não possui tombamento, portanto, seus administradores, assim como os membros da Comissão de Restauro, não precisam seguir as normativas que um projeto de restauro demandam. Contudo, atentos à importância da obra para a população local enquanto lugar de memória e catalisadora da identidade coletiva, acreditamos que a mesma deveria passar por processos técnicos, orientados por equipe multidisciplinar, com prévios estudos arqueológicos e históricos, como recomendam os artigos 2º e 9º da Carta de Veneza. Embora reclame o *status* de 'restauro' (Jornal Data X, 10 de agosto de 2010, p. 3.), as intervenções internas e externas na Igreja Matriz São Luiz Gonzaga caracterizam-se como reformas.

Após a conclusão da segunda fase do projeto (Figura 4), o resultado gerou desconforto e dividiu a opinião pública local.

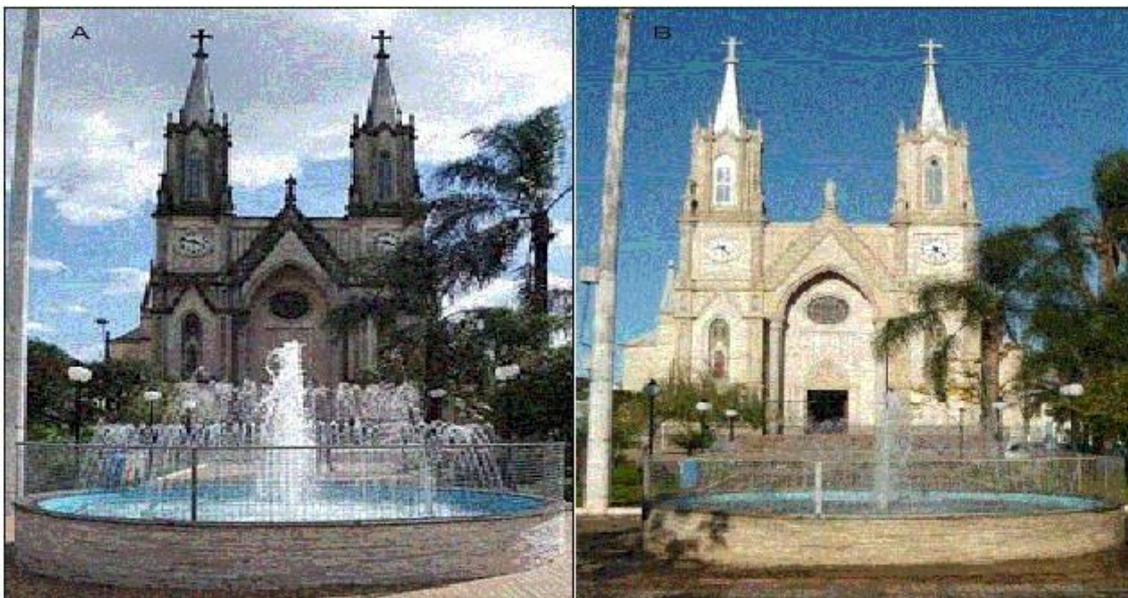


Figura 4: A: Fachada antes da lavagem das paredes; B: Fachada depois da lavagem das paredes.

Fonte: A: <http://www.panoramio.com/photo/34601849>; B: <http://www2.xaxim.sc.gov.br/turismo/evento/detalhe/codEvento/161>

Karine Corso, em debate promovido por um veículo de imprensa local (Oeste na Mídia, 01 de novembro de 2012), representa significativa parcela dos habitantes ao manifestar o estranhamento causado após a limpeza das fachadas. Conforme a mesma

igrejas de porte europeu como é o caso da nossa não merecia ter sua história lavada, as manchas escuras eram resultado da passagem do tempo e formavam uma moldura bonita com a arquitetura da mesma, poderiam muito bem ter usado alguma técnica que não agredisse tão drasticamente a estética da mesma. Compare as fotos de antes e depois e me diga se antes da lavagem ela não tinha muito mais presença. Na Europa tem muitas igrejas muito mais antigas em perfeito estado de conservação sem precisarem passar por esse apagamento de fachada.

Embora de uma geração que não viveu o processo de colonização em seus conflitos étnicos mais intensos e fundantes da identidade etnoterritorial (possui 28 anos), há a preocupação em manter o vínculo com um modelo externo, especificamente europeu. O clareamento das fachadas após o processo de lavagem forçou uma clivagem entre o tempo do agora que se impõe ao tempo do ontem.

Em sentido oposto, parte significativa da população local manifestou contentamento com as intervenções, defendendo inclusive sua continuidade. Nesse caso, ao contrário de estabelecer uma clivagem com o passado coletivo, as obras restabeleceram os vínculos, recuperam a beleza original do 'monumento', além de

atualizar o mito do progresso, do novo no velho. Conforme Nelci Chitolina

A nossa igreja, ela passou por uma reforma muito grande na parte externa e interna e, inclusive, futuramente, agora já estão pensando em mais reformas dentro da igreja na parte elétrica, ventiladores que não tem funcionado muito bem, o piso que eu até acho que ele é original, que deveria ser mantido né. Mas todos elogiaram e, ao menos com quem eu falo e defendo também, que foi muito boa, muito boa. A própria limpeza nesse granito que eles fizeram, antes ela era escura, ela era uma cor escura, feia, agora ela ficou bonita, aquele granito brilha. E a nossa igreja é muito linda mesmo que esteja com o granito preto por fora né, mas eles vão melhorar mais ainda, eu aprovei.

As intervenções na Igreja Matriz São Luiz Gonzaga exigem uma reelaboração da comunidade local no tocante à sua relação identitária com o edifício. As críticas que a condução do processo de 'restauro' recebeu, sobretudo por seu caráter não-público e empírico, não pode ser esquecidas e devem implicar reflexões profundas e mudanças no tratamento dispensado às edificações de valor histórico-cultural em toda a região oeste de Santa Catarina.

O processo de (re)enquadramento de memória já perceptível na atuação da imprensa local e nos discursos dos 'guardiões da memória'. De acordo com Michael Pollak (1989, p. 10-1.), manter a coesão grupal e as fronteiras internas (no nosso caso em especial constituem-se enquanto fronteiras etnoterritoriais) são as duas principais funções da memória coletiva. Para que tal empreendimento tenha sucesso, após momentos de crise de auto e sócio-reconhecimento, como a promovida pelas intervenções na Igreja Matriz de Xaxim, novos quadros de referência são fornecidos e discursos cristalizados. Nessa perspectiva os conflitos são silenciados e uma visão unilateral do processo é apresentada. Em edição comemorativa aos 59 anos de emancipação política de Xaxim, o jornal local 'O Guarani' (fevereiro de 2013, p. 31.), afirma que "Já mostram em ti que o progresso há de vir, Nossa Majestade, a Igreja Matriz São Luiz Gonzaga, no centro da cidade. Uma construção altiva e forte, como a nossa gente." O veículo de imprensa reedita e atualiza o ideário do progresso, dos diferenciais e da superioridade da população local, assim como omite as contradições e conflitos recentes que tiveram como objeto a obra literalmente reificada.

O trabalho de enquadramento força a renegociação da memória coletiva e se alimenta de material fornecido pela história. Contudo, é importante ter claro que a história-alimento-da-memória é seletiva, interpretada e combinada com demais referências de memória que estabelecem um vínculo entre o tempo de ontem e o tempo

de amanhã. Como salienta Pollak (1989, p. 11), a invenção da memória coletiva orienta-se de acordo com os imperativos das batalhas identitárias do presente e, principalmente, daquelas que são projetadas para o futuro.

Referências

- BLOCH, Ernest. **Le principe espérance**. Paris: Gallimard, 1991.
- CHITOLINA, Valdirene. Interfaces da colonização do oeste catarinense: a antiga fazenda Rodeio Bonito (1920-1954). In: HEINSFELD, Adelar [et. all]. **Fazendo história regional: economia, espaço e sociedade**. v. 2. Passo Fundo: Méritos, 2010. pp. 273-290.
- COMASSETTO, Carlos Fernando. A Colônia Rio Uruguay e as companhias colonizadoras (1920-50). In: TEDESCO, João Carlos; HEINSFELD, Adelar (orgs) **Colonos, colônias e colonizadores: aspectos de territorialização agrária no sul do Brasil**. Erechim: Habilis, 2009. pp. 89-104.
- DALA ROSA, Iraci; BERTICELLI, Benjamim. **Paróquia São Luiz Gonzaga: uma história de fé construída em mutirão**. Xaxim: Paróquia São Luiz Gonzaga, 2010.
- FÁVERO, Rosângela; PICOLI, Bruno Antonio. Patrimônio histórico, descaso e as populares reformas na região oeste de Santa Catarina – o caso da Igreja Matriz de Xaxim. 18 ago. 2011. **Gedis**. Disponível em: <http://grupogedis.blogspot.com.br/2011/08/patrimonio-historico-descaso-e-as.html>. Acesso em: 13 nov. 2013.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. pp. 9-24.
- IBGE CIDADES. **Xaxim**: dados básicos do censo de 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=421970>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- IPHAN. **Carta de Veneza**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>. Acesso em: 09 fev. 2013.
- JORNAL DATA X. **Paróquia São Luiz Gonzaga completa 70 anos: restauro da Igreja Matriz tem início**. 14 ago. 2010.
- LUNARDI, Maria de Oliveira. **Xaxim conta sua história**. Xaxim: Prefeitura Municipal de Xaxim, 1992.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n. 10. p. 7-28. Dez. 1993.
- PARÓQUIA SÃO LUIZ GONZAGA. **Ata da reunião da comissão da construção da Igreja Matriz de Xaxim**. 22 dez. 1946. Disponível no arquivo da Paróquia São Luis Gonzaga, Xaxim-SC.
- PARÓQUIA SÃO LUIZ GONZAGA. **Ata da reunião de nove de setembro de mil novecentos e cinquenta e um**. 09 set. 1951. Disponível no arquivo da Paróquia São Luis Gonzaga, Xaxim-SC.
- PICOLI, Bruno Antonio. Memória, história e oralidade. **Mnemosine**. v. 1, n. 1, p. 168-184, jan.-jun. 2010.
- PICOLI, Bruno Antonio. Sono Tutti Buona Gente: a fabricação da superioridade italiana. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, ano 24, nº 35, p. 337-348, dez. 2011.

- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, pp. 3-15, 1989.
- PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. pp. 123-137.
- RADIN, José Carlos. **Representações da colonização**. Chapecó: Argos, 2009.
- RENK, Arlene Adélia. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. 2ª ed. Chapecó: Argos, 2006.
- SILVESTRIN, Alvírio. **Lunardi (Tottari): uma história de Foza (Itália), Fagundes Varela (RS) e Xaxim (SC)**. Chapecó: A. Silvestrin, 2002.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: Educs, 2004.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva de experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VICENZI, Renilda. **Mitos e história na colonização do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.
- VIDI, Olma Pierina Paganini. **A vida de Frei Bruno Linden**. Xaxim: Guarany, 2008.
- WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil**. Chapecó: Argos, 2006.